



ISSN: 2230-9926

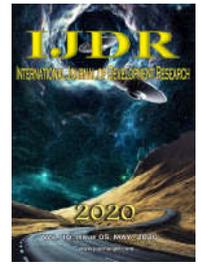
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 05, pp. 35681-35685, May, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.17736.05.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

GRUPO TERAPÊUTICO E AUTOCUIDADO DOS FAMILIARES DAS CRIANÇAS DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

¹Nathalia Claudino Nascimento, ¹Poliana Martins Costa, ¹Jefferson Allyson Gomes Ferreira, ²Maria Carolina Salustino dos Santos, ¹Bruno Gonçalo Souza de Araújo, ¹Maria Alice Gomes Nunes, ¹Maria Milaneide Lima Viana, ¹Elizanete de Magalhães Melo, ³Élida de Fátima Souza Diniz, ³Jéssica Leny Gomes Ferreira, ⁴Paloma Mayara Vieira de Macena Lima and ⁵Arunna Thallyta Alexandre de Pontes

¹Centro Universitário de João Pessoa UNIPE; ²Universidade Federal da Paraíba; ³Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa. João Pessoa (PB), Brasil; ⁴Universidade Federal da Paraíba; ⁵João Pessoa (PB), Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 17th February, 2020

Received in revised form

19th March, 2020

Accepted 03rd April, 2020

Published online 25th May, 2020

Key Words:

Mental Health; Family Therapy; Child.

*Corresponding author: Nathalia Claudino Nascimento,

ABSTRACT

Objective: to describe the experience of nursing students in the conversation with family members of children with a mental disorder at the Centro de Atenção Psicossocial Infância e Adolescência. **Data synthesis:** corresponds to an experience report made by nursing academics from the University Center of João Pessoa-UNIPE, which was developed in May 2018 with eleven relatives in the Center for Child Psychosocial Care, located in the District of Roger, in the city of João Pessoa - PB. Methodological resources were used as dynamics and conversation wheel. At the wheel the proposed theme was self-care, since all must watch over their physical and psychosocial state, all the relatives could expose their anguish, fears and difficulties. They also shared what was experienced with their children in the family environment and their coping strategies. The dynamic presented was to feel the energy that comes from the neighbor and at the same time to have a time for itself. This study corroborates to rethink the positivity of care through the sharing of the moments experienced by the family during the family therapy workshop held at CAPSi-CIRANDAR, the daily challenges faced by families results in a physical or psychological wear and tear, caused by several problems where they reflect in life of child. **Conclusion:** however, with the therapeutic group, the joys and anguish are divided among the families, with the exchange of knowledge fears and anxieties are overcome, where parents and relatives begin to see the importance of resocialization.

Copyright © 2020, Nathalia Claudino Nascimento et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Nathalia Claudino Nascimento, Poliana Martins Costa, Maria Carolina Salustino dos Santos. "Grupo terapêutico e autocuidado dos familiares das crianças do centro de atenção psicossocial", *International Journal of Development Research*, 10, (05), 35681-35685.

INTRODUCTION

Há 15 anos foi sancionada a lei da reforma psiquiátrica, de número: Lei nº 10.216/2001, com ela, uma nova surgiu um novo olhar para a saúde mental, sob uma ótica do cuidado, o cenário assistencial do país sofreu modificações significativas, houve repasse de incentivos financeiros para auxiliar nesta nova fase de reabilitação e inclusão social, houve a substituição do modelo manicomial, estratégias como aumento de leitos em hospitais, inserção destas pessoas nas unidades básicas de saúde, afim de trazer humanização para as pessoas com distúrbios relacionados a saúde mental (Macedo, 2017).

O protagonismo dos clientes e dos familiares tem aumentado substancialmente, tendo a participação efetiva em movimentos como os da luta antimanicomial frente a um novo modelo de assistência, a ansia pela mudança é nítida, no entanto existe uma inquietação para que não haja um retrocesso em todas as causas que já foram conquistadas (Amarante, 2016). A demanda por assistência em saúde mental para o público infantil é crescente. A criação dos Centros de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência (CAPSi) é expressão da implantação da Reforma Psiquiátrica dentro do Sistema Único de Saúde (SUS) e constitui a primeira ação efetiva de deslocar o cuidado dessa população para a rede pública. Apesar de existir consenso sobre a importância de incluir a

família na assistência à saúde mental infantil, encontramos poucos trabalhos que descrevem intervenções dirigidas a esse grupo (Bustamante, 2017). A verdadeira desinstitucionalização constitui-se em um processo prático-crítico que reorienta instituições e serviços, estratégias e intervenções. Conforme o referido autor, este campo não pode ser reduzido às psicopatologias, ao estudo e tratamento de doenças mentais, pois envolve uma complexa rede de saberes e sentidos que não condizem com uma verdade única e definitiva, mas com outros conceitos como transversalidade de saberes, refletividade, complexidade, dentre outros (Henriques, 2015). A preocupação das instituições formadoras em fornecer conteúdos sobre relacionamento terapêutico e comunicação terapêutica aos discentes permite o resgate da enfermagem enquanto uma categoria profissional que lida primeiramente com o sofrimento humano e não somente com sua doença, criando assim, um ambiente propício para a reflexão, discussão, produção e reprodução de saberes e práticas pautados no paradigma humanizador, ressaltando o respeito à dignidade do ser humano que padece em toda sua complexidade biopsicossocial (Treviso, 2017). A comunicação assume um papel fundamental na relação entre um profissional e uma pessoa, grupo, família ou comunidade, (vulnerável pela situação de saúde/doença) alvo de atenção e de cuidados, na medida em que, a comunicação é o contexto em que se desenvolve a relação e é, ou pode ser, uma ação terapêutica, por si só ou completar a ação terapêutica de outra intervenção. É a comunicação que permite o desenvolvimento da relação e por conseguinte, pode criar um contexto favorável ou desfavorável, daí a sua importância (Sequeira, 2014).

É através da comunicação que um profissional de saúde tem acesso ao outro, à sua história, ao seu contexto, e às suas necessidades, fornece orientações que possibilitam à pessoa, família ou comunidade, uma melhor gestão da sua situação de saúde/doença e toma consciência do estado de saúde, processando a tomada de decisão e promovendo uma gestão adequada do regime terapêutico (Muniz, 2015). Tendo em vista a reformulação da assistência psiquiátrica, a unidade familiar assume um importante papel no cuidado e ressocialização dos sujeitos que sofrem de enfermidade mental. Portanto, é necessário conhecer o universo familiar e como seus integrantes reagem e convivem com o sofrimento psíquico (Nascimento, 2013). A presença do sofrimento mental no ambiente familiar provoca mudanças nas rotinas, hábitos e costumes da família. Frente ao impacto do diagnóstico, a necessidade de adaptação à nova conjuntura, o estigma social, a dependência e as implicações da cronicidade do quadro clínico podem produzir sobrecarga, conflitos, sentimentos de incredulidade, perda do controle e medo, visto que a família vivencia uma situação de esgotamento, dia após dia (Oliveira, 2017). A convivência com o transtorno mental implica em sobrecarga caracterizada por dificuldades como: problemas no relacionamento com o familiar, estresse por conviverem com o humor instável e a dependência do portador de sofrimento psíquico, bem como o medo das recaídas e do comportamento deste no período das crises (Oliveira, 2017). A convivência com alguém em situação de sofrimento psíquico é difícil para a família. Na área de Saúde Mental, o trabalho em grupo tem sido enfatizado na possibilidade de promover e favorecer o encontro de usuários e familiares (Machado, 2017). Os grupos têm a capacidade de recriar ambientes familiares e sociais, possibilitando o desenvolvimento de habilidades e criações, desse modo, é um instrumento terapêutico eficiente (Santos, 2014).

Ao envolver a família no tratamento do portador de transtorno mental, e ao dar suporte a esta para enfrentar as dificuldades no relacionamento com a instabilidade e a sobrecarga, a carga emocional da família e do próprio cliente é amenizada, aumentando o nível de interação e empatia entre eles (Ramos, 2019). As oficinas terapêuticas são atividades que proporcionam um momento de interação entre pacientes e acompanhantes, promovendo a autonomia, o processo criativo e o imaginário por meio da inclusão da arte (Gonçalves, 2016). Ao entender a importância da comunicação terapêutica e do autocuidado dos familiares envolvidos no tratamento psíquico, o objetivo geral do presente trabalho é descrever a experiência de acadêmicas de enfermagem na roda de conversa com familiares de crianças com transtorno mental do Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil.

Síntese Dos Dados: Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, elaborado a partir da vivência de discentes do curso bacharel de enfermagem do Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, que foi desenvolvido no mês de maio de 2018 com onze famílias, no CAPS I (Centro de Atenção Psicossocial Infantil), sob supervisão de uma preceptora da academia. O CAPS I fica localizado no Bairro do Roger, na cidade de João Pessoa – Paraíba. O relato de experiência é uma metodologia de pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que aborda uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica que contribui na área de ensino, pesquisa, assistência e extensão (Cavalcante, 2012). Dentre os objetivos da assistência no CAPS observamos a construção de projetos terapêuticos, ofertando cuidado clínico e individualizado; a promoção da inserção social através de ações que envolvam o incentivo à cultura, educação a saúde; esporte, lazer e que possa desenvolver estratégias para o enfrentamento de problemas sociais (Brasil, 2004). O modelo abordado para a abordagem ao grupo foi a oficina por meio de roda de conversa e oficinas educativas, tendo em vista que tal modelo apresenta uma proposta de aprendizagem compartilhada, por meio de dinâmicas e discussões em grupo. Esse diálogo permite um debate com trocas de ideias e novos conhecimentos, possibilitando a autorreflexão e posturas críticas frente ao problema encontrado (Ferreira, 2019). Foram utilizados como recursos metodológicos: dinâmicas e roda de conversa. Na roda o tema proposto foi o autocuidado, já que todos devem zelar por seu estado físico e psicossocial, todos os familiares puderam expor suas angústias, medos e dificuldades. Partilharam, também, o que era vivenciado com os seus filhos no ambiente familiar e suas estratégias de superação. É oportuno salientar que o apoio familiar quanto a realização e cuidado no processo do adocimento é de fundamental importância para o processo de aceitação e perseverança no tratamento, sendo relevante para aprimorar os cuidados e qualidade de vida. Além disso, a presença de familiares minimiza o risco do paciente evoluir quadros psíquicos, como ansiedade e depressão. Logo, compreende-se que não basta tratar o paciente como portador de uma doença psíquica isoladamente, mas ofertar cuidados a todos aqueles que compõem a família (Probst, 2013). A metodologia do presente trabalho corresponde a um relato de experiência realizado por acadêmicas de enfermagem do Centro Universitário de João Pessoa-UNIPÊ, que foi desenvolvido no mês de maio de 2018 com onze familiares, no CAPS I (Centro de Atenção Psicossocial Infantil), localizado no Bairro do Roger, na cidade de João Pessoa – PB. A dinâmica apresentada foi a de sentir a

energia que vem do próximo e ao mesmo tempo ter um tempo para si mesmo. O Relato de experiência foi vivido e dividido em quatro (4) momentos, que serão descritos através da percepção e observação durante a aplicação do grupo terapêutico para os familiares.

A percepção dos familiares sobre o grupo terapêutico: O ambiente familiar no qual a criança se desenvolve e suas interações com esse meio, se estabelecem como incentivadores ou até mesmo limitadores do processo de desenvolvimento da saúde mental, pois a família passa a ser vista como um conjunto de características que englobam a compreensão, funcionamento, afetividade entre outras, tornando-se o apoio dessas crianças (Souza, 2019). Com isso, os familiares relataram desgastes físicos e emocionais ocasionados ao longo do tempo e suas dificuldades referente ao autocuidado, sendo a maior parcela presente no grupo de mulheres, a maioria delas provedoras do sustento econômico familiar ou trabalham fora para complementação da renda, somado a dedicação com a casa e obtendo como resultado a falta de tempo para cuidar-se. Nesse contexto, expuseram como se sentiam ao poder ter alguém para conversar e como aprovavam a roda de conversa, já que por sempre estarem zelando pelos demais, resultavam em não ter alguém para expor suas angústias, medos e demais sentimentos, expressando dessa maneira a vontade de participar de outras rodas, pois aquele momento estava lhes fazendo bem.

A percepção dos estudantes quanto ao cuidado dos familiares consigo mesmo: Como defendem alguns autores (Santos, 2008), o autocuidado é inerente à vida e está intimamente ligado à sobrevivência do ser humano, desempenhando atividades em seu próprio benefício, com a finalidade de manter a saúde e o seu bem-estar. Contudo, numa situação de doença, de alterações psicológicas graves ou de incapacidade, quer esta seja permanente quer temporária, verifica-se, na maioria das vezes, uma dependência do autocuidado em grau elevado, sendo imprescindível a intervenção da família para a sobrevivência do ser humano com qualidade de vida. A roda de conversa fez ver o quanto as mães abriam mão do seu autocuidado pelo bem-estar filhos, obtendo estresse, ansiedade e baixa autoestima. Como maior resultado disso: relação conjugal conturbada, sinais de depressão e falta de esperança em uma vida melhor. Era nítido que cada uma precisava de um amparo, de um incentivo ou de um modo geral alguém que se interesse em saber como elas estavam ou se precisavam de algo. Afinal, também são seres humanos, mulheres e frágeis e para uma boa educação e com cuidado com seus filhos, sua saúde mental precisa estar preservada. Estas famílias têm necessidades de um olhar diferencial, apoio efetivo e contínuo, para compreender melhor o meio que vivem e evitar problemas futuros. A partir deste fato, observou-se a importância dos cuidados primários de saúde e da ação da enfermagem em promover saúde, estimular lazer, atividade física e autocuidado. Era nítido o distanciamento da equipe em relação aos problemas daquelas famílias e da comunidade de um modo geral, fator determinante para dispersão, interrupção e falta de comprometimento no tratamento.

As problemáticas abordadas durante o grupo terapêutico: No decorrer da roda de conversa a falta de tempo pela integralidade no cuidado do filho e atividades domésticas foi explanado de maneira unânime. O isolamento é o principal resultado dessas causas citadas. As crises e qualidade de vida

deles eram suas maiores preocupações, somado a uma busca incansável de direitos não concebidos como: passagem, auxílio financeiro, moradia e alimentação. Por precisarem abrir mão das suas vidas profissionais, além de todo conjunto de conflitos a dificuldade financeira também foi bastante citada fazendo muitas se emocionarem durante a conversa. A falta de interesse em se cuidar e ter vaidade era oriunda deste fato, onde muitas justificavam que o pouco dinheiro era colocado nas necessidades básicas da família. Além disso, muitas citaram tristeza e remorso pela falta de atenção e cuidado com outros filhos saudáveis. Ressaltaram a falta de lazer e alegria no convívio, onde não existia prazer em estarem juntos e muitos acabavam obtendo mais apressos por tias, vizinhas ou avós pelo fato de ficarem sempre com elas, já que sua mãe precisava ir para consultas e atividades com o filho adoentado, sentindo-se muitas vezes abandonados ou esquecidos pela família.

A percepção dos profissionais envolvidos no grupo terapêutico com os familiares: Visando mais uma vez a importância da família na evolução e desenvolvimento das crianças, os profissionais decidiram abordar como principal fator: o autocuidado. Tendo em visto que é necessário está bem para cuidar e ajudar o outro da melhor forma possível. Sendo assim, percebendo a necessidade dos familiares para o desenvolvimento das crianças e suas fragilidades, surge a ideia da roda de conversa. Sendo iniciada a roda pedindo para que dessem as mãos, fechassem os olhos e sentissem tudo o que estava ao seu redor, fazendo com que estes familiares tivessem um tempo para si mesmo. Na qual foi revelado logo após que não tinham nenhum tempo para autocuidado, e que este momento se revelou de grande ajuda, fazendo-os compreender o quão importante é ter um tempo para si próprio. Outro ponto importante para os profissionais que coordenavam a roda de conversa foi a exposição dos sentimentos guardados pelos que ali estavam, sejam pelos filhos, companheiros, trabalho e principalmente sobre si mesmo. Primeiramente todos receosos em contar sua vida, mas no decorrer da conversa surgiu a compreensão com as histórias dos demais, levando-os a entender que suas dificuldades também estavam sendo enfrentadas por outras pessoas, além da maneira como cada um decidia continuar. Logo, fica evidente os benefícios do grupo terapêutico com uma simples escuta, sem julgar e observando as dificuldades diárias que esses familiares passam no tratamento dessas crianças e que muitas vezes são esquecidos.

A constituição dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) vem inserindo-se dentro das políticas públicas em saúde mental, de forma a substituir o modelo hospitalocêntrico. Tem como propósito o acolhimento e o cuidado, além de assumir o papel de elo entre a comunidade e paciente mental. Nesses estabelecimentos, além do tratamento medicamentoso da patologia, outros métodos são empregados visando a integralidade e a corresponsabilidade pela própria saúde, como as terapias complementares: psicoterapias em grupos, oficinas, artesanatos, geração de renda, reinserção na sociedade e terapias grupais (Pitta, 2015). O CAPS é um serviço substitutivo de atenção de saúde mental que tem demonstrado efetividade na substituição da internação de longos períodos, por um tratamento que não isola os pacientes de suas famílias e da comunidade, mas que envolve os familiares no atendimento com a devida atenção necessária, ajudando na recuperação e na reintegração social do indivíduo com sofrimento psíquico (Ferreira, 2016). As oficinas terapêuticas

representam um instrumento importante de ressocialização e inserção em grupos, na medida em que propõem o trabalho, o agir e o pensar coletivo (Gonçalves, 2016). O modelo de atenção psicossocial tem como característica a valorização do saber e das opiniões dos usuários e de sua família na construção do projeto terapêutico, razão pela qual a terapêutica não se restringirá a fármacos e à cirurgia, mas se valerá de outros recursos, como valorizar o poder terapêutico da escuta e da palavra, o poder da educação em saúde e do apoio psicossocial. Ademais, como indica o termo “projeto”, trata-se de uma discussão prospectiva e não retrospectiva, como ocorria tradicionalmente na discussão de casos em medicina (Araújo, 2015).

No grupo terapêutico é dada ênfase as trocas de experiência, ao diálogo com os demais membros, e as mudanças que isso gera tanto na vida pessoal do paciente como os benefícios desenvolvidos em grupos. É através do convívio entre os participantes que surgem os debates acerca das práticas do cuidado, e é nesses encontros que os meios para a resolução dos problemas coletivos acontecem, buscando alternativas e apoio emocional para sua superação (Pitta, 2015). A valorização e reconhecimento da família como unidade de cuidados, a partir de sua inserção na agenda terapêutica dos serviços de saúde mental, enquanto um agente ativo de participação ou transformação, além da propositura de desconstrução de um modelo de intervenção arraigado no imaginário social, representa um desafio para os profissionais de saúde. Tal fato exige uma mudança imprescindível nas práticas terapêuticas, configurando-se em um processo transicional entre a tradição da cultura manicomial e a nova proposta substitutiva/reformista (Oliveira, 2017). Desse modo, podemos dizer que a reforma psiquiátrica construiu ao longo de um período, onde não se imaginava que era possível, um novo paradigma de instituição para pessoas com transtornos mentais graves ou não, e, dessa forma, também veio proporcionando grande avanço à população em geral com a forma de olhar para tais indivíduos, onde durante séculos foram jogados à margem da sociedade.

Conclusão

Os grupos terapêuticos proporcionam a prevenção e promoção da saúde das famílias envolvidas no processo de tratamento das crianças inseridas no centro de atenção psicossocial infantil. Estimular o autocuidado é muito relevante para as famílias, pois as mesmas estão entrelaçadas no processo de cuidar dos seus entes queridos. Através dos grupos terapêuticos este estudo mostrou que é possível auxiliar a família em momentos de dificuldade, alegrias e transições em que as mesmas podem passar durante o percurso de tratamento dos seus familiares. Esta experiência mostrou a importância do grupo terapêutico em diferentes aspectos, além dos familiares, foi possível perceber a empolgação dos profissionais, estudantes de enfermagem e preceptores envolvidos na atividade de promoção de saúde. É imprescindível abordar sobre a temática do autocuidado em grupos terapêuticos, a necessidade de ter um olhar mais aprofundado para a saúde mental das famílias de crianças e adolescentes faz parte das ações de promoção a saúde. Neste sentido, se faz necessário novos estudos e experiências que abordem as temáticas e propiciem o cuidado a todos os participantes do tratamento e reabilitação pertencentes ao Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil.

REFERÊNCIAS

- Amarante P, Oliveira MHB, Torre E, Coelho I. Derechos humanos y salud mental en Brasil: una historia de lucha y militancia por la justicia social y el derecho a la vida: “la salud no se vende, la locura no se encierra”. Átopos: Salud Mental, Comunidad y Cultura, Madrid. 2016;(2):1-16.
- Araújo LN, Bandeira ACN, Rocha NNV, Mororo FWP, Cavalcante JHV, Albuquerque JTPJ. Projeto terapêutico para usuário de múltiplas substâncias na atenção à saúde mental: relato de experiência. *Sanare-Revista de Políticas Públicas*. 2015;14(2).
- Brasil. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial. Ministério da Saúde. 2004.
- Bustamante V, Oliveira R, Rodrigues NB. Acolhida e cuidado a crianças e famílias em um serviço de saúde mental infantil. *Psicologia Clínica*. 2017;29(3):429-47.
- Cavalcante BLL, Lima UTS. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. *Journal of Nursing and Health*. 2012;2(1): 94-103.
- Ferreira IG, Piazza M, Souza D. Oficina de saúde e sexualidade: Residentes de saúde promovendo educação sexual entre adolescentes de escola pública. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*. 2019;14(41):1788.
- Ferreira JT, Mesquita NNM, Silva TA, Silva VF, Lucas WJ, Batista EC. Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS): uma instituição de referência no atendimento à saúde mental. *Rev. Saberes, Rolim de Moura*. 2016;4(1):72-86.
- Gonçalves AM, Gandra HM, Assunção PG, Oliveira TM, Silva TPR. Oficinas terapêuticas: intervenção de enfermagem em um serviço de saúde mental infanto-juvenil. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/ Brazilian Journal of Mental Health*. 2016;8(19):107-15.
- Henriques HI, Oliveira Filho P, Figueirêdo AAF. Discursos de usuários de CAPS sobre práticas terapêuticas e religiosas. *Psicologia & Sociedade*. 2015; 27(2).
- Macedo JP, Abreu MMD, Fontenele MG, Dimenstein M. A regionalização da saúde mental e os novos desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira. *Saúde e Sociedade*. 2017;26(1):155-70.
- Machado BR, Rodrigues T. Grupos de familiares em CAPS II: gerando reflexões acerca da participação da família no tratamento dos usuários. *Disciplinarum Scientia | Ciências Humanas*. 2017;18(1):171-80.
- Muniz MP, Tavares CMDM, Abrahão AL, Souza ÂCD. A assistência de enfermagem em tempos de reforma psiquiátrica. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*. 2015;(13): 61-5.
- Nascimento KCD, Kolhs M, Mella S, Berra E, Olschowsky A, Guimarães AN. O desafio familiar no cuidado às pessoas acometidas por transtorno mental. *Revista de Enfermagem UFPE OnLine*. Recife. 2016;10(3):940-48.
- Oliveira EN, Eloia SMC, Lima DS, Eloia SC, Linhares AMF. A família não é de ferro: ela cuida de pessoas com transtorno mental. *Family needs a break: it takes care of people with mental disorder*. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*. 2017;9(1):71-8.
- Pitta AMF, Coutinho DM, Rocha CCM. Direitos humanos nos Centros de Atenção Psicossocial do Nordeste do Brasil: um estudo avaliativo, tendo como referência o

- QualityRights-WHO. Saúdeem Debate. 2015; 39(106):760-771.
- Probst S, Arber A, Faithfull S. Malignant fungating wounds– the meaning of living in an unbounded body. EuropeanJournalofOncologyNursing. 2013;17(1):38-45.
- Ramos AC, Calais SL, Zotesso MC. Convivência do familiar cuidador junto a pessoa com transtorno mental. Contextos Clínicos. 2019;12(1):282-302.
- Santos EM. Representações sociais sobre o cuidado em saúde mental na atenção básica: percepções de enfermeiros da estratégia saúde da família. 2014.
- Santos ID, Sarat CNF. Modalidades de aplicação da teoria do autocuidado de Orem em comunicações científicas de enfermagem brasileira. Rev. enferm. UERJ. 2008;16(3):313-18.
- Sequeira C. Comunicação terapêutica em saúde mental. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental. 2014;(12):6-8.
- SouzaJ, Crepaldi MA. Problemas emocionales y comportamentalesenlosniños: asociación entre elfuncionamiento familiar, lacoparentalidad y larelaciónconyugal. Acta Colombiana de Psicología. 2019;22(1):82-94.
- Treviso P, Peres SC, Silva AD,Santos AA. Competências do enfermeiro na gestão do cuidado. Revista de AdministraçãoemSaúde. 2017; 17(69).
